

Entre o milagre e a crise: qual a herança deixada por Austin em relação ao problema do contexto?

SANTOS, Karla Cristina dos¹; **PINTO**, Joana Plaza²

Palavras-chave: J. L. Austin, Atos de fala, Contexto, Linguagem

1. INTRODUÇÃO

Devido ao caráter supostamente incompleto e impreciso da proposta teórica de J. L. Austin, sua abordagem dos atos de fala desperta as mais variadas interpretações, tendo desdobramentos diversos, não só na filosofia da linguagem, como em outros domínios de estudo. Nesta pesquisa, é feito um levantamento de como os conceitos austinianos são apropriados por alguns(as) autores(as) que tratam da teoria dos atos de fala dentro de alguns domínios de estudos da linguagem, entre eles(as) J. R. Searle na filosofia analítica, S. Dik no funcionalismo, J. J. Gumperz na sociolinguística, M. Coulthard na análise do discurso americana, R. Ellis na teoria de aquisição de segunda língua, J. Butler nos estudos feministas e J. Derrida no campo da desconstrução. Dentre o(a)s autore(a)s que se apropriam dos conceitos austinianos, existem aquele(a)s que optam por apresentar uma versão sistematizada e formal da teoria dos atos de fala e outro(a)s que buscam justamente explorar a imprecisão das categorias de análise austinianas, com o intuito de refletir sobre a contribuição de Austin, não apenas para explicar o uso da linguagem, como também para problematizar a teorização que se faz sobre ela.

Seja para mesclá-la a uma abordagem extremamente formal da linguagem ou para justificar uma postura lingüística mais reflexiva, todos os campos de estudo selecionados para esta pesquisa recorrem à teoria dos atos de fala devido à busca por uma concepção mais ampla de linguagem, que a considere não apenas como uma forma de descrição do mundo. O conceito de performatividade, que surge da obra de Austin, vai ao encontro de uma necessidade compartilhada por todos esses campos de estudo de encarar a linguagem como uma forma de ação regida por regras que dizem respeito ao uso, às circunstâncias sociais e aos sujeitos envolvidos nessa ação.

O estudo aqui apresentado faz parte dessa pesquisa e explora um dos conceitos abordados por Austin: o contexto. O interesse é investigar a herança deixada por Austin em relação à noção de contexto e como os autores que discutem os atos de fala se apropriam dessa herança. Para isso, propõe-se uma discussão do problema sob dois pontos de vista: primeiramente, sob a perspectiva de autores que, nos seus respectivos campos de estudo, vêem no contexto uma “solução milagrosa” (RAJAGOPALAN, 2002) para os principais problemas referentes ao conceito de ato de fala, entre eles Searle (1994), Coulthard (1985), Ellis (1994), Gumperz (1982) e Dik (1997a e 1997b); e, em seguida, sob a perspectiva de autore(a)s que colocam o conceito de contexto em crise, questionando a possibilidade de defini-lo exhaustivamente, como Derrida (1991) e Butler (1997).

2. METODOLOGIA

As principais etapas desenvolvidas neste estudo são:

- a) Leitura crítica de Austin (1980);
- b) Investigação da concepção de contexto de Austin (1980);

- c) Leitura crítica dos autores(as) que tratam dos atos de fala dentro de alguns domínios de estudos da linguagem, entre eles(as) Searle (1994) na filosofia analítica, Coulthard (1985) na análise do discurso americana, Ellis (1994) nas teorias de aquisição de segunda língua, Gumperz (1982) na sociolinguística, Dik (1997a e 1997b) no funcionalismo, Derrida (1991) no campo da desconstrução e Butler (1997) nos estudos feministas;
- d) Análise da concepção de contexto desse(a)s autore(a)s;
- e) Comparação sistemática das concepções de contexto do(a)s autore(a)s, tendo em vista a concepção austiniana.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A problemática do contexto perpassa toda a argumentação de Austin (1980) em *How to do things with words*, seja sob o nome de 'circunstâncias do enunciado', 'situação de fala' ou mesmo 'contexto'. De forma geral, o contexto em Austin (1980) pode ser entendido como a totalidade que constitui o ato de fala e que inclui, desde as circunstâncias do lugar e do tempo (características mais particulares que compõem a cena do proferimento), até as convenções maiores que ditam as regras do acontecimento (práticas que são convencionalizadas devido a uma concordância geral das pessoas quanto à sua forma mais adequada). O ponto mais alto de sua visão de contexto surge quando o autor nos exorta a considerar a situação total em que um enunciado é emitido: "We must consider the total situation in which the utterance is issued – the total speech-act" (AUSTIN, 1980, p. 52). Ter acesso à situação total de fala é, assim, a grande meta de Austin: "The total speech-act in the total speech-situation is the *only actual* phenomenon which, in the last resort, we are engaged in elucidating. (AUSTIN, 1980, p. 148) O ato de fala total implica em uma consideração simultânea das três dimensões do ato de fala (locucionária, ilocucionária e perlocucionária) e de suas propriedades: o significado, a força e os efeitos. Só a partir da situação total de fala é que se torna possível uma análise completa dessas propriedades.

No entanto, existe um momento em que Austin questiona o poder do contexto na determinação do ato de fala e reconhece que nem mesmo as circunstâncias de uma dada situação podem explicitar que ação está sendo realizada por meio do enunciado. Segundo o autor, 'There is a bull in the field' pode tanto ser uma advertência, como pode ser uma simples descrição de um cenário, assim como 'I shall be there' pode ou não ser uma promessa. Austin acrescenta ainda que: "[...] there may be nothing in the circumstances by which we can decide whether or not the utterance is performative at all. Any way, in a given situation it can be open to me to take it as either one or the other" (AUSTIN, 1980, p. 33).

Com essa observação, Austin (1980) reconhece o campo de ambigüidade, imprecisão e vagueza que constitui a linguagem e que, ao mesmo tempo, possibilita toda a sua argumentação em *How to do things with words*. A própria complexidade do assunto discutido por Austin gera uma certa desconfiança em relação à carga de responsabilidade que ele parece colocar sobre o contexto. Se a solução de todos os problemas que constroem sua teoria é simplesmente considerar a situação total de fala, então, muitos argumentos poderiam ter sido poupados e seu texto poderia se resumir ao seguinte enunciado constativo "It is important to take the speech situation as a whole" (AUSTIN, 1980, p. 138).

Dentre os autores que tratam dos atos de fala em alguns campos de estudo da linguagem existem tanto os que acreditam na noção de contexto enquanto

solução milagrosa para determinar a força (ou mesmo o significado) dos enunciados, quanto os que questionam a validade teórica do conceito corrente de contexto.

No primeiro grupo, há aqueles que reservam para o contexto a função de aparar as pontas que sobram de suas análises formalizantes e universalistas, como é o caso de Searle (1994) e Dik (1997a e 1997b). Esses autores apostam em recortes metodológicos que não estão de acordo com uma concepção de linguagem enquanto ação regida por regras e princípios e acabam restringindo suas análises a uma série de sentenças (ou fórmulas de sentenças) isoladas de qualquer contexto. Por outro lado, há os que vêem no contexto a base para as suas teorias sobre a linguagem em uso e um instrumento milagroso para o esclarecimento do significado, da força e dos efeitos dos enunciados, como é o caso de Coulthard (1985), Gumperz (1982) e Ellis (1994). Esses autores acreditam na possibilidade de obter uma informação segura sobre a totalidade do contexto de discurso e defendem o estudo da força de um ato de fala a partir de sua inserção no contexto de uma conversa espontânea. Daí a exigência de dados empíricos, ou seja, de metodologias que permitam o acesso a situações reais de uso ou que se aproximem o máximo possível do real.

Apesar dessa diferença de abordagem, a noção de contexto surge nas obras desses autores como um pressuposto inquestionável ou como se existisse um conceito rigoroso e científico de contexto que dispensasse qualquer justificativa teórica. Justifica-se a necessidade de considerar o contexto, mas não existe um questionamento das extensões e limites do conceito em si.

O segundo grupo se opõe ao primeiro exatamente por colocar a noção de contexto em crise. Para Derrida (1991) e Butler (1997), a argumentação de Austin (1980) em *How to things with words* dá margem para uma concepção equivocada de contexto, que pode ser resumida no interesse desse autor em abarcar a situação total de fala.

O filósofo francês Jacques Derrida (1991) é conhecido pelo seu trabalho audacioso de desconstrução das bases metafísicas do pensamento ocidental. A noção de contexto enquanto presença faz parte dessa metafísica, portanto é submetida a um questionamento sistemático pelo autor. Para Derrida (1991), um contexto nunca é absolutamente determinável ou saturável, devido à possibilidade de destaque e enxerto citacional que pertence à estrutura de toda marca. Isso faz com que a marca (mesmo um signo lingüístico falado) tenha uma força de ruptura com o seu suposto contexto original e possa se ligar a outros contextos infinitamente. No entanto, o autor ressalta que: “Isso supõe não que a marca valha fora do contexto mas, ao contrário, que só existam contextos sem nenhum centro absoluto de ancoragem” (DERRIDA, 1991, p. 25-26).

Dessa forma, percebemos que Derrida não nega a existência de algo a que se possa chamar de contexto, mas sim a possibilidade de sua delimitação plena e total. É justamente a confiança na possibilidade de saturação do contexto, que Derrida (1991) critica em Austin, bem como o conceito de circunstâncias ordinárias, que exclui de sua teoria a possibilidade de um performativo ser citado. Para Derrida, nessa exclusão estão implicados os mesmos artifícios metafísicos pressupostos na busca por contextos de enunciação singulares e originais.

O problema do contexto é o primeiro aspecto que Judith Butler (1997), teórica americana do gênero, da linguagem e do discurso, discute ao interpretar a obra de Austin (1980). Segundo Butler (1997), a alegação feita por Austin, de que para conhecer a força do ato ilocucionário é preciso identificar a situação total do ato de fala, é restringida por dificuldades constitutivas. Isso se deve ao fato de Austin definir

o ato ilocucionário como convencional e, portanto, ritual ou cerimonial (AUSTIN, 1980, p. 19). Para Butler (1997), se o ato é um momento ritualizado, ele é repetido no tempo e seu poder de ação não se restringe a um momento único. Nas palavras da autora: “the moment in ritual is a condensed historicity: it exceeds itself in past and futures directions, an effect of prior and future invocations that constitute and escape the instance of utterance” (BUTLER, 1997, p. 3). Austin falha, então, ao não reconhecer a impossibilidade de seu desejo totalizante e as implicações de sua visão ritualística do ato de fala, como Butler (1997) esclarece neste trecho: “The speech situation is thus not a simple sort of context, one that might be defined easily by spatial and temporal boundaries” (BUTLER, 1997, p. 3-4).

A concepção de contexto defendida por Butler (1997) fica evidente no momento em que ela discute as possíveis origens do poder que certos enunciados têm de causar injúria. Segundo a autora, dizer que o efeito ofensivo do ato de fala é necessariamente ligado ao ato em si, seu contexto original e as intenções que deram origem a ele, é desconsiderar a possibilidade de resignificação da fala ofensiva, de que tal fala possa ser citada (no contexto de um julgamento, por exemplo) e de que ocorra uma ruptura com o seu contexto anterior, passando, então, o enunciado a ocupar novos contextos para os quais ele não tinha sido originalmente pensado.

Dessa forma, fica evidente que Butler (1997), assim como Derrida (1991), não nega a invocação do contexto no momento do enunciado. O que ela questiona é a afirmação de que todos os efeitos de um ato de fala sejam completamente contextuais e de que seja possível abarcar a totalidade de um contexto.

4. CONCLUSÕES

Todas as críticas feitas por Derrida (1991) e Butler (1997) em relação ao apego de Austin (1980) à possibilidade de se ter acesso à situação total de fala podem nos levar à conclusão de que o chamado “milagre do contexto” tem uma presença marcante na proposta austiniana dos atos de fala. É importante destacar, no entanto, que essa visão de contexto não tem origem em Austin, mas numa cadeia discursiva que o antecede e o constitui e que não cessa com a sua morte, continuando a ecoar nas teorias de outro(a)s autore(a)s. Seria justo, então, falar em herança, nesse caso? Poderia ser, mas apenas no que diz respeito à responsabilidade de Austin pela forma como ele revigora (por meio da repetição) alguns pressupostos e por restabelecer um certo contexto do pensamento metafísico ocidental, como bem lembra Derrida (1991). Nesse sentido, a herança deixada por Austin seria o fato de reforçar essa visão de contexto, ainda que ele não se mostre sempre tão acrítico em relação à eficácia do contexto para determinar o entendimento do ato de fala, fato mencionado logo acima. E, como vimos, Searle (1994), Coulthard (1985), Ellis (1994), Gumperz (1982) e Dik (1997a e 1997b) se apropriam dessa herança (nem sempre pela via de Austin), citando repetidamente o milagre do contexto. Mas, como a repetição altera, existe a possibilidade para reações críticas como a de Derrida (1991) e a de Butler (1997), que propõem uma reelaboração do valor de contexto a partir de um questionamento sistemático de suas conseqüências mais instigantes.

SANTOS, Karla Cristina dos. Entre o milagre e a crise: qual a herança deixada por Austin em relação ao problema do contexto? In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO DA UFG – CONPEEX, 3. , 2006, Goiânia. Anais eletrônicos do III Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação [CD-ROM], Goiânia: UFG, 2006, n. p.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, John L. *How to do things with words*. 2ª ed. Oxford: Oxford University Press, 1980.

BUTLER, Judith. *Excitable speech: a politics of the performative*. New York: Routledge, 1997.

COULTHARD, Malcolm. *An introduction to discourse analysis*. Harlow: Essex, Longman, 1985.

DERRIDA, Jacques. *Limited Inc*. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Pt. I – The structure of the clause. Ed. by Kees Hengeveld. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997a.

DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Pt. II – Complex and Derived Constructions. Ed. by Kees Hengeveld. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

ELLIS, Rod. *The study of second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

GUMPERZ, John J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Sobre a especificidade da pesquisa no campo da pragmática. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 2, p. 89-98, 2002.

SEARLE, John. R. *Speech acts: an essay in the philosophy of language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FONTE DE FINANCIAMENTO - Capes

¹ Mestranda em Estudos Lingüísticos. Faculdade de Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística. kcs.santos@ig.com.br.

² Orientadora/Faculdade de Letras/UFG, joplaza@letras.ufg.br.